

LITERATURA HOT: ESTUDO DO EROTISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Leonardo Mendes¹

Daniella Galvão²

Resumo: O artigo investiga a *literatura hot* como fenômeno literário contemporâneo, situando-a na tradição erótica e destacando sua consolidação por meio das plataformas digitais e da autopublicação. A pesquisa mostra como o gênero se firmou no mercado editorial por meio de autoras mulheres, que escrevem para um público majoritariamente feminino, transformando a relação entre produção, circulação e consumo de narrativas eróticas. São analisados os principais subgêneros (romance LGBTQIA+, *dark romance* e romance de CEO), evidenciando como cada um articula desejos, conflitos morais e dinâmicas de poder distintas. O artigo ressalta que, embora a *literatura hot* amplie o espaço para a expressão de subjetividades femininas e desejos historicamente reprimidos, ela frequentemente reproduz padrões patriarcais, sobretudo pela centralidade do masculino como figura dominante. O estudo também destaca o papel do mercado digital, das redes sociais e das editoras especializadas, que criaram um ecossistema literário autônomo e dinâmico. Por fim, realiza-se uma leitura crítica da obra *My Dark Heart* (2024), de Alice Bacivangi, pertencente ao subgênero *dark romance*, com o intuito de exemplificar os recursos narrativos e temáticos característicos dessa vertente.

Palavras-chave: Literatura Hot; Erotismo; Literatura Contemporânea.

HOT LITERATURE: A STUDY OF LITERARY EROTICISM IN CONTEMPORARY TIMES

Abstract: The article investigates *hot literature* as a contemporary literary phenomenon, situating it within the erotic tradition and highlighting its consolidation through digital platforms and self-publishing. The research demonstrates how the genre has established itself in the publishing market through women authors, who write for a predominantly female readership, thereby transforming the relationship between the production, circulation, and consumption of erotic narratives. The main subgenres (LGBTQIA+ romance, dark romance,

¹ Doutor (1998) em Letras pela Universidade do Texas em Austin, EUA, Pós-doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012), Pós-Doutorado em História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2017), e CLAIS Visiting Scholar na Universidade de Yale, EUA (2017). É Professor Titular de Literaturas de Língua Inglesa do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores e Professor do Programa de Pós-graduação em Letras (Instituto de Letras) e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (Faculdade de Formação de Professores) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8318-3759>. E-mail: leonardomendes@utexas.edu

² Licenciada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ, mestre em Estudos Literários pela mesma universidade. E-mail: danizanardoi@hotmail.com

and CEO romance) are analyzed, showing how each articulates distinct desires, moral conflicts, and power dynamics. The article emphasizes that, although *hot literature* expands the space for the expression of female subjectivities and historically repressed desires, it often reproduces patriarchal patterns, especially through the centrality of the male as the dominant figure. The study also highlights the role of the digital market, social networks, and specialized publishers in creating an autonomous and dynamic literary ecosystem. Finally, it provides a critical reading of *My Dark Heart* (2024) by Alice Bacivangi, a work belonging to the *dark romance* subgenre, to exemplify the narrative and thematic resources characteristic of this strand.

Keywords: *Literatura hot*; Eroticism; Contemporary literature.

Introdução

A história da literatura erótica remonta aos primórdios da escrita e está intrinsecamente ligada às expressões culturais, sociais e religiosas de diferentes épocas e civilizações. Desde suas primeiras manifestações na Antiguidade até a contemporânea *literatura hot*, objeto de estudo deste artigo, observa-se uma contínua negociação com os limites da representação do desejo, da sexualidade, do poder e do corpo. Ao longo do tempo, a literatura erótica ou pornográfica assumiu diversas formas: ora celebrando o prazer, ora questionando — e, por vezes, reafirmando — os tabus e as normas morais vigentes na sociedade.³

No Brasil, a literatura erótica ganha visibilidade a partir do século XIX, quando circulavam os chamados “livros para homens”, categoria editorial que reunia contos licenciosos, romances naturalistas acusados de obscenidade e obras pornográficas importadas da Europa. Essa produção, embora marginalizada pela crítica, alcançava ampla circulação graças à divulgação na imprensa e ao barateamento dos impressos (Mendes, 2016). Inserida nesse contexto, a pornografia oitocentista negociava com os limites da moral burguesa, explorando temas como o desejo feminino, o adultério, o amor entre pessoas do mesmo sexo, a libertinagem e a crítica anticlerical, ao mesmo tempo em que dialogava com o mercado de literatura de massa.

Do século XIX ao XXI, observa-se uma continuidade de tensões em torno da representação do desejo, do corpo e do poder na literatura erótica. A chamada *literatura hot*

³ Não trabalhamos com a distinção usual, que só se estabelece no século XX, entre “pornografia” e “erotismo”, isto é, entre sexo *hard core* e sexo palatável (ou artístico) (Maingueneau, 2010). Dessa ideia costuma derivar uma hierarquização na qual a pornografia aparece como uma forma inferior de produção cultural, que rejeitamos por ela ser uma das modalidades da criação literária.

contemporânea, agora impulsionada pelo mercado digital e pela autopublicação, inscreve-se nessa tradição, mas desloca seus polos de produção e recepção: se outrora eram homens escrevendo para homens, hoje predomina a autoria feminina voltada a um público também majoritariamente feminino. Ainda assim, tal como a pornografia oitocentista, o gênero atual oscila entre emancipar e reafirmar padrões, frequentemente representando protagonistas masculinos em posições de dominação, mesmo quando abre espaço para a expressão de fantasias femininas.

Ao tratar a *literatura hot* não apenas como produto de consumo, mas como forma literária legítima, o presente estudo propõe uma análise que reconhece tanto a tradição histórica da pornografia oitocentista quanto as transformações contemporâneas que, com a ascensão dos *e-books* e das redes sociais, ampliaram o alcance e a legitimidade desse tipo de narrativa. Assim, a *literatura hot* aparece como um gênero ambíguo, que, simultaneamente, reatualiza práticas de leitura ligadas ao prazer e ao escândalo desde o século XIX e tensiona as fronteiras entre emancipação e manutenção das normas patriarcais.

Literatura hot: a construção de um conceito

A ressignificação da literatura erótica na contemporaneidade concretiza-se na retomada do gênero em formatos renovados, impulsionada sobretudo pela iniciativa de autoras que, ao recorrerem à autopublicação e às plataformas digitais, desenvolvem sua produção fora das estruturas tradicionais do mercado editorial e das livrarias físicas. Nesse cenário, o *Wattpad* destacou-se como um dos principais espaços de difusão, ao possibilitar a publicação seriada de capítulos e a interação direta entre escritoras e leitoras (Galvão, 2025).

O sucesso de *Cinquenta tons de cinza* (2011), originalmente uma *fanfic* inspirada em *Crepúsculo*, consolidou-se como marco fundamental para a legitimação da *literatura hot* no cenário global (Silva, 2023). Publicado de forma independente e posteriormente traduzido em diversos países, incluindo o Brasil (Figueiredo, 2021), o romance de Erika Leonard James ultrapassou a marca de milhões de exemplares vendidos, ampliando a circulação do gênero e garantindo-lhe relevância sociocultural. Tal êxito impulsionou a popularização de características próprias da literatura erótica contemporânea, ao mesmo tempo em que abriu espaço para uma nova geração de escritoras que emergiram das plataformas digitais. Nesse

contexto, o gênero *hot* consolidou-se como campo autônomo, estruturado pela centralidade da sexualidade — descrita em linguagem explícita e recorrente —, que se torna motor narrativo e núcleo simbólico, como ocorre na pornografia moderna a partir do século XIX (Hunt, 1999).

No entanto, embora centrada na exploração da sexualidade, a *literatura hot* ultrapassa a mera inserção de cenas sexuais no enredo, ao propor aos leitores uma experiência idealizada da intimidade (Figueiredo, 2021). As interações sexuais são representadas, ainda que não de modo absoluto, como instâncias de desejo intenso, carregadas de emoção e construídas como momentos perfeitos, desejáveis ou mesmo utópicos no interior da narrativa. Tais passagens transcendem a dimensão física, assumindo significados afetivos e, em certos casos, espirituais para os personagens. Além de sua função narrativa, a sexualidade, quando representada, adquire igualmente valor estético. A linguagem escolhida, as descrições minuciosas e a construção literária das cenas são articuladas para proporcionar ao leitor uma experiência sensorial e emocional que ultrapassa a mera performance erótica.

Na *literatura hot*, a centralidade do ponto de vista feminino, que conduz a narrativa a partir da experiência sensorial e emocional da protagonista, mantém continuidade com os modelos do romance libertino dos séculos XVII e XVIII, nos quais a sexualidade era representada como um processo de aprendizado e transformação (Darnton, 1996). No contexto contemporâneo, a emancipação erótica é representada como um percurso de autoconhecimento e maturação afetiva, geralmente iniciado pela virgindade e pela insegurança da personagem. Já em obras libertinas, como *Teresa Filósofa* (1748), do Marquês d'Argens, a iniciação sexual assumia um caráter pedagógico explícito, articulando prazer e crítica social. Essa comparação evidencia uma linha de continuidade — a sexualidade como trajetória de formação feminina — mas também uma diferença: se no romance libertino ela servia a uma filosofia materialista e crítica, na *literatura hot* inscreve-se em uma pedagogia sentimental, ainda marcada por molduras patriarcais de dominação masculina.

A centralidade feminina, portanto, não garante uma ruptura com os modelos tradicionais de gênero. Apesar do protagonismo das mulheres, a forma como suas trajetórias são construídas ainda depende, muitas vezes, da mediação masculina. O prazer da personagem feminina, embora destacado, está constantemente vinculado à condução de um parceiro experiente, dominante e emocionalmente fechado. Esse padrão reforça a ideia de que o despertar sexual feminino depende da ação do outro, reproduzindo a lógica de uma heterossexualidade

hierárquica. Assim, o foco em personagens femininas cria um espaço discursivo tensionado, em que a autonomia coexiste com a dependência e a narrativa do prazer é mediada por fantasias socialmente construídas.

No gênero *hot*, a figura masculina tende a ser fortemente estilizada, obedecendo a um padrão que combina virilidade, êxito financeiro, frieza emocional e domínio sexual (Rakow, 2023). Em geral, trata-se de personagens poderosos — empresários, chefes, executivos ou figuras de autoridade — cuja masculinidade é apresentada como irresistível, autoritária e, ao mesmo tempo, desejável (Figueiredo, 2021). Tal configuração narrativa opera como uma fantasia de controle e proteção, na qual o “homem ideal” oferece não apenas prazer, mas também segurança, status e validação emocional à protagonista. A estilização do masculino assume, assim, a função de um fetiche: atualiza e reforça arquétipos patriarcais sob nova roupagem, em que o homem dominante, agora envolto em luxos e marcado por traumas íntimos, é representado como redentor da sexualidade feminina, fornecendo-lhe simultaneamente gozo e “salvação” emocional.

Na *literatura hot*, a linguagem caracteriza-se por ser acessível, direta e marcada por traços de oralidade, o que aproxima a narrativa da experiência cotidiana e contribui para a popularização do gênero. Essa opção estilística favorece a identificação de um público amplo — que abrange tanto leitoras com práticas de leitura consolidadas quanto aquelas cuja relação com a leitura é mais esporádica ou recente — com os enredos e os personagens. Nas cenas de sexo, a linguagem tende a ser explícita e crua, recorrendo a termos chulos e expressões de forte carga sensorial (como “caralho”, “porra”, “buceta”), orientados pela lógica do prazer. Tal escolha lexical não apenas busca intensificar o efeito erótico, mas também reforça a corporeidade e a dimensão sensorial da narrativa, estabelecendo uma comunicação imediata entre o texto e o leitor (Galvão, 2025).

A inclusão de *playlists* tornou-se um recurso distintivo na *literatura hot*, funcionando como extensão do universo narrativo e transformando a leitura em uma experiência multissensorial e imersiva. As músicas selecionadas pelas autoras constroem a atmosfera da trama, aprofundam a dimensão psicológica das personagens e intensificam o impacto emocional de cenas-chave, que vão do primeiro beijo aos episódios de maior intensidade erótica. Outro atributo é o uso de ilustrações pornográficas que reproduzem as cenas de sexo descritas nos livros. Aparecem com frequência em obras de maior repercussão editorial,

atuando como complemento visual à narrativa textual. Ressalte-se, contudo, que tais imagens não são veiculadas diretamente nas plataformas digitais: sua circulação ocorre de maneira paralela e mais controlada, por meio de *links* de pastas em Google Drive ou via compartilhamentos em redes sociais e em aplicativos de mensagens como o WhatsApp.

Subgêneros e tendências

A consolidação da literatura *hot* como gênero autônomo no campo erótico contemporâneo impulsionou a diversificação de suas formas narrativas, com a emergência de subgêneros voltados à pluralidade do desejo e às demandas do mercado editorial (Gabriel, 2024). Tais subgêneros, consumidos majoritariamente por um público feminino, estabelecem gramáticas próprias para representar prazer, emoção e poder, constituindo espaços de experimentação estética e de redefinição das sensibilidades eróticas (Galvão, 2025). Entre os mais difundidos no mercado editorial estão o romance LGBTQIA+, o *dark romance* e o romance de CEO, categorias que funcionam como guias de leitura ao antecipar elementos temáticos e estilísticos. Importa destacar, contudo, que muitas obras transitam por diferentes vertentes, favorecendo a hibridização e ampliando as possibilidades narrativas da *literatura hot*.

Romance LGBTQIA+

Embora a *literatura hot* permaneça majoritariamente ancorada em moldes cisheteronormativos, observa-se a consolidação de um conjunto de obras que exploram desejos e afetos *queer* de forma afirmativa e complexa. Esses romances articulam sexualidade e relações afetivas a partir de múltiplas identidades e orientações, transformando o corpo em um espaço de invenção, resistência e prazer não normativo. Além de desestabilizar binarismos tradicionais de gênero e poder, instauram uma lógica de mutualidade e fluidez, em oposição à hierarquia fixa entre dominante e submisso. Nesse sentido, a *literatura hot queer* ultrapassa o entretenimento, atuando como instrumento de reconhecimento, visibilidade e transformação cultural, ao afirmar novos modos de existência mais livres e igualitários.

Nos romances *hot* LGBTQIA+, o erotismo articula-se de modo distinto ao das narrativas cisheteronormativas. Em *Inverno Pecaminoso: romance sobrenatural* (2024), de Elle Zutan, o

processo de autoconhecimento e de aceitação da orientação sexual do protagonista, Dalton, exemplifica a centralidade da subjetividade *queer*. Diferentemente do foco imediato no encontro presencial, as obras priorizam o vínculo emocional, sem, contudo, prescindir da pornografia. O sexo é representado como extensão do afeto, funcionando como catarse e validação diante de experiências de rejeição ou exclusão. Além disso, a constituição de “famílias escolhidas” insere o erotismo em uma lógica comunitária e solidária, ampliando seu alcance político. Dessa forma, o *hot* LGBTQIA+ propõe modos mais inclusivos de vivenciar prazer e intimidade, combinando desejo, afeto e resistência.

Dark romance

O *dark romance* distingue-se, no interior da *literatura hot*, pela radicalidade estética e pela natureza controversa de suas narrativas. Em contraste com tramas que idealizam o amor, o gênero explora zonas obscuras da subjetividade e das relações humanas, centrando-se na dor, na obsessão, no desequilíbrio de poder e em dilemas morais (Neiva, 2024). O prazer é atravessado por sofrimento, trauma e violência psicológica ou sexual, elementos que compõem o núcleo narrativo.

Uma marca central do gênero é a ambiguidade moral: personagens se afastam de categorias fixas de “bem” e “mal”. O herói pode ser misógino ou vingativo, mas ainda erotizado; a heroína, por sua vez, pode rejeitar o papel de vítima passiva e optar por relações abusivas por razões complexas, vinculadas ao desejo ou ao trauma. Tal dinâmica, como exemplifica *Lost* (2024), de Sarah Godoy, evidencia como o *dark romance* tensiona as convenções éticas e estéticas, ao mesmo tempo em que seduz o leitor por meio da erotização da vulnerabilidade.

— Preciso te foder — sussurra ele, com a respiração desregulada. —
E preciso agora.

Essas palavras deveriam me fazer recuar, ficar desesperada por estar deitada com o cara que me sequestrou e matou minha melhor amiga. Psicologicamente, me deixam em pânico, mas meu corpo não reagiu da mesma forma, apenas me fez desejá-lo mais. Nunca, em momento algum havia sentindo-me desta forma e mesmo que seja uma sensação boa, é algo que me tortura (Godoy, 2024, p.46).

No *dark romance*, a narrativa desloca continuamente as fronteiras entre consentimento, manipulação e violência, estruturando-se em torno de um desequilíbrio de poder geralmente masculino. Esse recurso instaura tensão entre dominação e atração, frequentemente romantizando práticas abusivas ao reinscrevê-las em arcos de superação, reconciliação ou redenção (Galvão, 2025). Assim, condutas violentas podem ser reconfiguradas como experiências eróticas ou românticas, o que suscita intensos debates críticos sobre os limites da representação.

Apesar dessa ambiguidade, muitas autoras do subgênero explicitam publicamente sua crítica a tais comportamentos, defendendo a separação entre ficção e realidade. Nesse contexto, os *avisos de conteúdo* ou *trigger warnings* funcionam como dispositivos éticos e editoriais: ao alertar sobre conteúdos sensíveis, reafirmam a responsabilidade autoral de mediar a recepção da obra e de definir os limites da experiência estética. Como no excerto abaixo, retirado de *Incipit (Rostos vazios Livro 1)*, de Leonor Carvalho:

ESTE LIVRO É UM DARK ROMANCE!

Por favor, não leia, caso se sinta desconfortável com menção e/ou descrição de canibalismo, estupro, assédio sexual, xenofobia, racismo, ideação suicida, suicídio, luto, tortura e violência gráfica. O livro tem como pano de fundo o tráfico humano. Esta lista não é feita para assustar, e sim para ALERTAR!

Priorize a sua saúde mental. Ela vale mais do que qualquer outra coisa. P.S.: temas como TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático) foram trabalhados na obra juntamente com uma psicóloga. Lembre-se de que a sua vivência não inibe a do outro (Carvalho, 2024, p. 6).

Esse tipo de lascívia situa-se nas margens do culturalmente aceitável e, por essa razão, simultaneamente provoca desconforto e desperta fascínio. A exploração do interdito opera como estratégia narrativa e estética, voltada tanto a desestabilizar os personagens quanto a interpelar o público. O leitor é instigado a confrontar seus próprios limites morais e emocionais diante de protagonistas que não se conformam a ideais éticos ou heroicos tradicionais: figuras que podem assumir a forma de anti-heróis cruéis ou de heroínas ambíguas, cujas escolhas desafiam convenções e problematizam noções de justiça, virtude e redenção.

Romance de CEO

Com base na análise de Rakow (2023), o romance de CEO consolidou-se como um dos subgêneros de maior sucesso da ficção erótica contemporânea. Dados apontam que, entre os dez primeiros títulos da lista dos cem mais vendidos da Amazon Kindle, ao menos seis apresentam cenários corporativos ou protagonistas empresariais inseridos em contextos eróticos e românticos. A popularidade do subgênero decorre da combinação de três pilares: (1) cenas de sexo explícito, próprias do gênero *hot*; (2) ambientações sofisticadas, que transportam o leitor a universos de luxo e poder; e (3) dinâmicas de poder fortemente assimétricas, que exploram fantasias relacionadas à desigualdade hierárquica e ao desejo de dominação. As tramas geralmente se organizam em torno de figuras masculinas magnéticas em posições de comando — herdeiros, empresários, chefes, gerentes ou investidores — e de suas relações com protagonistas femininas em posições subalternas, como secretárias, funcionárias, babás ou jovens de condição econômica inferior (Rakow, 2023).

No romance *Pelos Seus Olhos (CEOs irresistíveis)* (2021), de Geane Diniz e A.G. Clark, diversos trechos da narrativa são dedicados à descrição minuciosa dos luxos exuberantes que compõem o cotidiano de um CEO:

Entreí no elevador privativo que dava acesso ao andar da presidência da Campos Cardoso, localizada em um conjunto empresarial na principal zona de negócios da cidade de São Paulo, um luxo, para megaempresários como eu (Diniz e Clark, 2021, p. 10).

Quando cessei o beijo ela estava com o rosto corado e os olhos brilhando. Era adorável ver os seus momentos de timidez.

— Agora preciso ir, tenho algumas reuniões importantes, além de ter que resolver os assuntos relativos à equipe de *stock car* que estou patrocinando — expliquei (Diniz; Clark, 2021, p. 229).

As narrativas de *CEO romance*, embora situadas em contextos contemporâneos, atualizam estruturas simbólicas herdadas dos contos de fadas tradicionais: o príncipe encantado é substituído pelo magnata moderno, e a protagonista alcança realização por meio da relação com um homem poderoso. O núcleo simbólico permanece ancorado na dinâmica de dependência e idealização romântica. A tensão narrativa decorre da reação da protagonista perante à dominação masculina, seja resistindo, temendo a vulnerabilidade ou lutando por independência.

Entretanto, a trama idealiza um processo de transformação mútua. O herói masculino, inicialmente cínico e autoritário, é conduzido ao reconhecimento de sua fragilidade e à capacidade de amar, convertendo-se em figura romântica. A protagonista, por sua vez, percorre um arco de empoderamento, adquirindo voz narrativa, afirmação no universo corporativo e poder afetivo sobre o magnata. Desse modo, mesmo reiterando arquétipos patriarcais, o subgênero inscreve experiências de agência e autonomia feminina no espaço erótico e afetivo.

O universo *hot*

A *literatura hot* consolidou-se no Brasil como fenômeno cultural e mercadológico de grande impacto, transformando um espaço antes marginal em um campo legítimo de expressão. Diferentemente da tradição erótica voltada ao público masculino e estruturada por fantasias patriarcais (Oliveira, 2018), o gênero centra-se na perspectiva feminina, legitimando o desejo das mulheres e articulando a intensidade erótica à complexidade emocional (Figueiredo, 2021). Esse deslocamento estimulou a emergência de autoras que, muitas vezes, transitam entre a leitura, a escrita de *fanfics* e a publicação de obras originais, constituindo um circuito afetivo-literário. No cenário nacional, nomes como Nana Pauvolih, Jessica Macedo, Ary Nascimento e Mila Wander exemplificam essa consolidação. O avanço das plataformas digitais (Amazon Kindle, Wattpad) e das redes sociais (TikTok, Instagram) ampliou a circulação e fortaleceu comunidades de leitoras e autoras, sustentando a expansão do gênero para além do circuito editorial tradicional.

As leitoras

A literatura erótica contemporânea distingue-se pela centralidade da participação feminina em todas as etapas — produção, circulação e recepção. As narrativas priorizam a perspectiva feminina sobre o erotismo e frequentemente valorizam a representação do corpo masculino. Embora haja leitores homens, sua presença pouco impacta o mercado, que é majoritariamente composto por mulheres. As comunidades ligadas ao gênero, muitas vezes exclusivas para leitoras, constituem espaços seguros que favorecem a troca de experiências e a

expressão sem julgamentos (Galvão, 2025). Além disso, clubes e coletivos de leitura reforçam a sororidade e a sociabilidade, ampliando a visibilidade e a legitimidade cultural do gênero.

Editoras

A *literatura hot* consolidou-se inicialmente por meio da autopublicação digital, à margem das grandes editoras, construindo um circuito de circulação autônomo baseado na interação direta entre autoras e leitoras. Esse modelo mostrou-se especialmente eficaz para um gênero historicamente marginalizado, permitindo maior visibilidade e fortalecimento por meio das redes sociais (Instagram, TikTok, X, Telegram), que funcionam como espaços de promoção, *feedback* e formação de comunidades. Nos últimos anos, o êxito digital favoreceu a entrada do gênero em editoras tradicionais e estimulou o surgimento de casas editoriais especializadas, como Fruto Proibido, UnicornBooks e Editora Euphoria, voltadas à publicação de romances *queer*. Essa expansão, marcada pela presença em eventos literários e estratégias de marketing segmentado, confirma o reconhecimento mercadológico da *literatura hot* como fenômeno editorial relevante.

Cenários de consumo

O consumo da *literatura hot* passou por transformações decisivas a partir da digitalização do mercado editorial e da ascensão das redes sociais. Esses fatores ampliaram o alcance do gênero, diversificaram seu público e redefiniram a experiência de leitura, agora articulada entre livros físicos, suportes digitais e espaços virtuais de interação. Os e-books desempenham um papel central nesse processo, oferecendo praticidade, acessibilidade e discrição, o que favoreceu tanto a expansão do mercado quanto a regularidade do consumo entre novas leitoras. Apesar disso, o livro físico mantém relevância simbólica, sobretudo em edições especiais e autografadas, adquiridas como objetos de valor afetivo. O cenário atual configura um ecossistema multifacetado em que mídias digitais, redes sociais e práticas transmídia constroem experiências imersivas e interativas, deslocando a leitura para além do texto escrito e transformando-a em um espaço de compartilhamento de afetos, desejos e identificações.

Análise textual da *literatura hot*

A presente análise propõe-se a investigar as camadas simbólicas e complexas que estruturam a obra *My Dark Heart (Meu Coração Sombrio): Um Dark Romance com Stalker* (2024), de Alice Bacivangi (fig.1). Inserido na série *Nossos Lados Sombrios*, o romance mobiliza temáticas intensas e controversas características do subgênero *dark romance*. Ao privilegiar a figura do *stalker*, a narrativa explora as tensões entre desejo, obsessão, medo e entrega, delineando um universo ficcional que ultrapassa os limites da moralidade convencional e das formas tradicionais de representar as relações afetivas na literatura erótica contemporânea.

Publicado originalmente em 30 de outubro de 2024, em língua portuguesa e no formato digital, o romance encontra-se atualmente disponível em duas modalidades: e-book e edição impressa. A versão digital é acessível na plataforma Amazon Prime via Kindle, ao preço de R\$ 4,99, podendo ser lida sem custo adicional por assinantes do serviço Kindle Unlimited, mediante a mensalidade de R\$ 19,90. Já a edição física, publicada pela UnicornBooks, foi inicialmente oferecida em regime de pré-venda e, posteriormente, comercializada durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2025, por R\$ 119,00. Ressalte-se que os exemplares impressos são disponibilizados apenas em períodos específicos — pré-venda ou eventos literários —, o que dificulta sua aquisição posterior e confere à versão física uma aura de exclusividade e valor simbólico.

A narrativa estrutura-se de forma intercalada, alternando as perspectivas da protagonista Ayla Rosecrow e do personagem masculino Zion Midas, recurso que enriquece a complexidade psicológica da trama. O enredo rompe a linearidade temporal ao incorporar lembranças e *flashbacks*, ampliando a densidade narrativa e revelando a influência das experiências passadas nas ações presentes. Ayla, jovem de 24 anos diagnosticada com esquizofrenia, é retratada como uma figura ambivalente: resiliente e determinada, mas também vulnerável em razão de um histórico de dor, negligência e perdas. Sua perspectiva, marcada por dissociações e delírios, instaura a atmosfera de incerteza própria do *thriller* psicológico, tensionando as fronteiras entre realidade e alucinação. A inquietação intensifica-se com a presença de um *stalker* encapuzado, cuja identidade permanece em segredo por grande parte da narrativa, reforçando o clima de paranoia típico do *dark romance*. Nesse cenário, surge Zion Midas, professor substituto e vice-presidente de uma corporação farmacêutica, um personagem ambíguo que encarna

simultaneamente as funções de ameaça e de salvador, condensando a tensão entre autoridade, sedução e perigo.

My Dark Heart insere-se no universo do *dark romance*, subgênero caracterizado por tramas intensas, personagens moralmente ambíguos e situações emocionalmente complexas. Os enredos exploram temas delicados e frequentemente acionam gatilhos sensíveis, motivo pelo qual Bacivangi inclui, já nas primeiras páginas da obra, um aviso de conteúdo que alerta o leitor sobre as questões abordadas. Como vimos, esse paratexto constitui um recurso recorrente no gênero *hot*, funcionando como estratégia de mediação entre autor e público, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação ética diante da natureza perturbadora dos elementos narrativos apresentados.

Nesse livro estarão presentes cenas de:

- Perseguição (stalking)
- Sonofilia (kink)
- Cenas de consentimento duvidoso
- Cumplay (kink)
- Violência física e psicológica
- Abuso de drogas lícitas e ilícitas (alcoolismo e remédios)
- Menção a assédio e abuso sexual
- Abuso infantil e infanticídio (nada detalhado)
- Depressão
- Menção a automutilação e idealização suicida
- Tentativa de suicídio
- Comportamento obsessivo
- Assassinato
- Doenças mentais
- Relacionamento tóxico e obsessivo
- Comportamento masoquista

A leitura desta obra é indicada para maiores de 18 anos (Bacivangi, 2024, p. 12-13).

Nessas narrativas, as desigualdades entre os personagens constituem componentes centrais da tensão erótica, mobilizando fantasias que associam prazer ao jogo de dominação e entrega. O poder converte-se na linguagem do desejo, sendo continuamente tensionado, negociado ou ressignificado ao longo da trama. Embora tais relações suscitem debates críticos acerca da possível romantização da coerção, também oferecem um espaço ficcional para a exploração de pulsões ambíguas.

A primeira cena erótica em *My Dark Heart* ocorre quando Ayla recorre à masturbação após ter um pesadelo. A primeira cena sexual, entretanto, coincide com a iniciação da

protagonista, configurando-se como um marco narrativo de grande relevância e amplamente aguardado pelo leitor, já que ocorre apenas na página 478 de um total de 572 páginas. O episódio é parcialmente idealizado, pois envolve Zion, personagem investido de importância afetiva para Ayla; contudo, distancia-se do imaginário romântico tradicional ao ser atravessado pela dimensão da dor física do ato sexual.

Quando senti seu pau deslizar pelo meu clitóris, gemi, mordendo o lábio inferior com força antes de agarrar seus ombros e fincar minhas unhas ali. Ele encaixou-se bem na minha entrada, e com um último olhar, se moveu, entrando até o talo dentro de mim com um único movimento.

Gritei quando a dor pareceu me rasgar ao meio, arranhando sua pele e dessa vez realmente arrancando sangue. Zion não se mexeu então, apenas encostou sua testa na minha e escovou seus lábios pelo meu rosto em uma carícia gentil.

— Tudo bem? — perguntou baixinho.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas quando respondi.

— Sim. Só me dê um instante... (Bacivangi, 2024, p. 478).

A partir da perda da virgindade de Ayla, todas as cenas sexuais posteriores no primeiro livro são marcadas por uma dinâmica clara de possessividade e assimetria de poder entre os protagonistas. Essa relação de dominação não é desprovida de sentimento; ao contrário, cada encontro sexual incorpora um toque de afeto que humaniza e suaviza essa tensão, criando um equilíbrio delicado entre controle e cuidado. As cenas eróticas são marcadas por uma atmosfera de urgência, traduzida em uma voracidade de desejo que perpassa tanto os gestos dos personagens quanto o próprio ritmo narrativo. Essa intensidade é acentuada pelo uso de uma linguagem direta e descritiva, que privilegia a materialidade dos corpos e a fisicalidade do ato, produzindo imagens vívidas que amplificam o impacto erótico sobre o leitor.

Considerações finais

A *literatura hot* configura-se como um fenômeno literário e cultural complexo, cuja consolidação no mercado contemporâneo ultrapassa os limites da ficção erótica tradicional. Voltada majoritariamente a um público feminino, oferece espaços de representação, de prazer e, por vezes, de empoderamento, embora muitas obras ainda reproduzam estruturas patriarcais de dominação. Sua expansão foi impulsionada pela digitalização e pela autopublicação, que ampliaram a circulação e favoreceram o surgimento de subgêneros como *dark romance*, CEO

e romances LGBTQIA+. No campo sociocultural, exerce um papel ambíguo: contribui para a normalização do desejo feminino e de sexualidades dissidentes, mas também pode reiterar padrões hegemônicos de opressão. Conclui-se que o gênero, em constante expansão, demanda análises críticas capazes de revelar seus avanços, limites e potencial transformador.

Referências

BACIVANGI, Alice. *My dark heart: meu coração sombrio*. Edição Kindle. [S.l.]: Independente, 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Dark-Heart-Meu-Cora%C3%A7%C3%A3o-Sombrio-ebook/dp/B0DLL5Y228>. Acesso em: 30 dez. 2024.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto (org.). *Libertinos e libertários*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 21-42.

DINIZ, Geane; CLARK, A. G. *Pelos Seus Olhos (CEOs irresistíveis)*. 1. ed. São Paulo: Amazon, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Pelos-olhos-Geane-Diniz-Clark-ebook/dp/B08T1HN8HX>. Acesso em: 7 mar. 2025.

FIGUEIREDO, Luciana Bastos. *O que vale entre as quatro margens da página? Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/18548>. Acesso em: 04 ago. 2025

GABRIEL, Ruan de Sousa. CEO, mafioso e bebê rejeitado: conheça os principais subgêneros da literatura erótica que faz sucesso na Amazon. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/04/ceo-mafioso-e-bebe-rejeitado-conheca-os-principais-subgeneros-da-literatura-erotica-que-faz-sucesso-na-amazon.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GALVÃO, Daniella Zanardo. *Literatura Hot: estudo do erotismo literário na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2025.

GODOY, Sara. *LOST - Duologia (Livro 1)*. 1. ed. [S. l.]: Vênus, 2024. E-book. Disponível em: <https://a.co/d/eSTcBrU>. Acesso em: 5 dez. 2025.

HUNT, Lynn. Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. In: HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*. São Paulo: Hedra, 1999 [1993]. p. 9-46.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 53, p. 173–191, jan. 2016.

MENDES, Leonardo. *Mulheres que liam “livros para homens” no fim do século XIX*. Histórias da literatura, Porto Alegre, 2021, p. 282–291.

NEIVA, Leonardo. A ascensão da literatura erótica: das fanfics ao ‘dark romance’ e ao smut. *GAMAREVISTA*, [S. l.], [2024]. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-tesao/a-ascensao-da-literatura-erotica-das-fanfics-ao-dark-romance-smut/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

OLIVEIRA, José Aparecido. *Corpo, repressão e sexualidade: a literatura como espaço de transgressão*. Mediação, Belo Horizonte, v. 23, n. 29, 2021, p. 1-23. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6171/pdf>. Acesso em: 01 set. 2025.

RAKOW, Sabrina Sampaio. *De terno, gravata e algemas: o habitus empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa*. 2023. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgs/files/2023/05/b9e3f30f4d0e758148ba7f85c4ed71d4-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ZUTAN, Elle. *Inverno Pecaminoso: romance sobrenatural* (Invernos Fumegantes – Livro 1). Edição Kindle. [S.l.]: Independente, 2024. Disponível em: <https://a.co/d/3w2goUP>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Recebido em: 12/10/ 2025.

Aceito em: 20/12/2025.